

Filosofia na TV: indutora na formação crítica cidadã

Daniella Cristina Jinkings Sant'Ana¹
Mônica Igreja do Prado²

Resumo:

Os programas televisivos sobre Filosofia ajudam a divulgar o assunto, mesmo que o tratamento dado ao tema ainda não seja o ideal. No entanto, eles auxiliam na construção de uma visão mais crítica e reflexiva e ajudam a enfrentar os desafios éticos do mundo contemporâneo, pois fazem com que o público tenha um despertar para o assunto. A pesquisa exploratória ressalta, na verdade, a força da comunicação interpessoal na construção da visão de mundo, na modificação de hábitos e atitudes e na formação do sujeito (indivíduo-cidadão). Reafirma, também, que a televisão tem o poder de agendar temas e trazer os assuntos para a agenda pública, mas que para provocar efeitos de longo prazo é a força de mediadores, como professores, que ajudam a formar e a moldar o ser humano. A pesquisa foi realizada dentro do Projeto de Iniciação Científica do UniCEUB, no período 2007/2008.

Palavras-chave: Mediação, Comunicação, Filosofia, Televisão, Professores.

Abstract:

The TV programs about Philosophy are interesting, they help to make philosophy a public topic, but they do not get to the core of it, as they still talk about it in a superficial manner. Even like that they still help to develop a critical and reflexive view of the world and to fight the ethical challenges of the contemporary society, working as an awakening factor to the topic. The research points out the strength of the interpersonal communication in modifying habits and attitudes for the formation of the citizenship. Also re-states that television has the power to book some topics and to bring others to the public agenda. However, the real effect is actually caused by the strength of the mediators, as teachers, which help to form and give shape to a human being in the social environment and in the classroom. The research was developed within Programa de Iniciação Científica (PIC) from UniCEUB, between 2007/2008.

Key words: Mediation, Communication, Philosophy, Television, Teachers.

Introdução

Durante muito tempo, pensou-se que a Filosofia era uma área de conhecimento inacessível aos não-intelectuais, pois era vista como algo maçante, difícil, antigo e excessivamente doutrinário. No entanto, se a Filosofia é essencialmente teórica, isso não significa que ela esteja à margem do mundo, nem que constitua um corpo de doutrina ou saber acabado, com determinado conteúdo, ou que seja um conjunto de conhecimentos estabelecidos de uma vez por todas (ARANHA et al., 2003).

Porém, com a popularização da filosofia no final do século XX, essa visão foi se modificando, principalmente com a cooptação entre a filosofia e a televisão. Essa mídia cinquentenária é tida como moderna, prática, representativa, persuasiva e controladora. Um meio de comunicação de massa, que atinge quase cem por cento da população brasileira e que até há pouco tempo era vista como alienadora, ou seja, não tinha um objetivo educacional.

Com a proposta de informar e de incitar a reflexão filosófica, surgiram alguns programas cujo conteúdo tenta fazer um paralelo entre a filosofia e o cotidiano. Os mais conhecidos são os programas *Café Filosófico*, da TV Cultura; *Ética*, do canal Futura; o

¹ Daniella Cristina Jinkings Sant'Ana é aluna do 7º semestre de Jornalismo no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e aluna do 3º semestre de Filosofia na Universidade de Brasília (UnB). Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica do UniCEUB no período 2007/2008. Contato: dannicris@gmail.com.

² Mônica Prado é jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília em 2001 e, atualmente, docente do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) do curso de Comunicação Social e também docente do Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB) do curso de Pós-Graduação de Assessoria em Comunicação Pública. Integra o grupo de pesquisa Educação Superior e Comunicação, registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Atuou em diversas empresas jornalísticas e de comunicação. Contato: pradomonica2004@yahoo.com.br.

quadro *Ser ou Não Ser?*, do Fantástico e reapresentado recentemente no canal GNT; além disso, há a presença da filósofa Márcia Tíburi no programa *Saia Justa*, também do canal GNT. De acordo com os editores do quadro *Ser ou Não Ser*, Eugênia Moreyra e Bruno Bernardes, os programas não pretendem ensinar filosofia academicamente, mas oferecer ao telespectador uma iniciação ao tema e a possibilidade de refletir a respeito.

A pesquisa busca analisar a convergência entre a filosofia e a mídia, mais especificamente, a televisão, e os efeitos gerados pelo consumo dos programas de filosofia, pois o indivíduo se vê afetado por esses produtos e reage a eles de maneiras diferentes. Assim, a pesquisa tem por objetivo analisar a mediação que professores de Filosofia realizam a partir dos conteúdos veiculados pela televisão, em salas de aula. A pesquisa tem também por objetivo entender os efeitos dessa mediação em alunos e em consumidores avulsos de conteúdos filosóficos. O objetivo geral é buscar evidências de que a presença da Filosofia na TV e a mediação de professores na esfera midiática contribuem para uma formação mais crítica do indivíduo-cidadão.

O quadro investigativo visa dar suporte à hipótese de que Filosofia na TV é indutora na formação crítica cidadã. Ao apropriar-se de um conteúdo e vivenciar a sua mediação, o efeito, no médio e longo prazos, tende a ser a formação de um indivíduo filosoficamente mais comprometido consigo mesmo e com o mundo em que está inserido.

Metodologia

A metodologia teve como base a pesquisa exploratória, qualitativa, amostragem por conveniência, entrevistas em profundidade e questionários semi-estruturados.

O caminho para a pesquisa acadêmica sobre Filosofia na TV consistiu em três grandes etapas. Os sujeitos deste trabalho foram professores de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias, que efetivamente ministram aulas de Filosofia no Ensino Superior e Ensino Médio; alunos de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias, que voluntariamente aceitaram participar da pesquisa acadêmica; pessoas que têm interesse no assunto (não graduados em filosofia, que freqüentam cursos especializados por conta própria); e pessoas que não têm nenhum contato com a área, a partir da aplicação de questionários estruturados.

A primeira etapa foi composta pelo levantamento exploratório, por intermédio de pesquisas na Internet, em sítios e “blogs”, que abordaram a chegada da Filosofia à TV e os programas correspondentes a esse tema. Também fez parte dessa etapa a reunião do *corpus* para análise dos programas *Ser ou Não Ser?*, *Ética* e a participação da filósofa em *Saia Justa* e as entrevistas com os apresentadores de cada um dos programas; o levantamento bibliográfico sobre o entroncamento dos mundos Filosofia e Televisão e a revisão da literatura sobre a Teoria dos Efeitos dos Meios de Comunicação de Massa.

A segunda etapa foi composta pela elaboração, aplicação e análise das entrevistas em profundidade com professores de Filosofia do Distrito Federal. O cerne das entrevistas em profundidade com os professores foi a mediação dos conteúdos dos programas de Filosofia veiculados pelas emissoras de televisão.

A terceira etapa teve como alvo grupos de alunos, grupos de interessados em filosofia e pessoas que não têm contato direto com filosofia, mas que voluntariamente aceitaram participar da pesquisa acadêmica. Os voluntários responderam às entrevistas semi-estruturadas aplicadas a cada um dos grupos.

Dois instrumentos foram basicamente utilizados para a pesquisa. O primeiro foi um roteiro de entrevista elaborado no decorrer do projeto com o objetivo de conhecer qualitativamente as relações de mediação que são feitas pelos professores de Filosofia e os programas exibidos na televisão brasileira, mais precisamente na TV Cultura e pelas Organizações Globo, seja no canal aberto – TV Globo (Programa Fantástico), seja nos canais por assinatura, Futura e GNT. O segundo foi o questionário semi-estruturado para a entrevista em profundidade.

Análise dos Dados

Durante dois meses, foram respondidos trinta e nove questionários. Os resultados superaram as expectativas, pois mostraram que os programas sobre filosofia são relevantes e ajudam as pessoas a complementar o conhecimento sobre o assunto.

Para as pessoas que se relacionam com filosofia por meio de cursos especializados, os programas auxiliam na construção de uma visão mais crítica e reflexiva do mundo. Além disso, eles também acreditam que a filosofia está presente no mundo contemporâneo, mas o desafio é incorporá-la ao dia-a-dia. Foram respondidos onze questionários por esse grupo, que tem a média de idade entre 25 e 35 anos, e formação que vai do Ensino Fundamental à Pós-graduação. Das onze pessoas que responderam aos questionários, dez têm contato com filosofia por intermédio da escola e dos livros e apenas três pela televisão. Mesmo assim, dez pessoas disseram ter assistido, ao menos uma vez, aos programas sobre filosofia. Elas os consideram importantes, atraentes, inteligentes e que ajudam a divulgar o assunto. No entanto, atribuem um caráter superficial a esses programas.

O grupo das pessoas que não têm nenhum contato direto com a filosofia, como cursos ou aulas, foi incluído ao projeto após a apresentação parcial da pesquisa, por sugestão da banca examinadora do VI Programa de Iniciação Científica do UniCEUB. Conseguimos dezoito questionários respondidos por esse grupo. São nove respondentes na faixa entre 20 e 30 anos, sete entre 30 e 40 anos e apenas dois com mais de 40 anos. A formação vai do Ensino Fundamental à Pós-graduação. É importante salientar que os dados desse grupo foram cruzados pelo nível de escolaridade dos respondentes.

Dos dezoito entrevistados, dezessete têm contato com filosofia por intermédio da escola e dos livros. Apenas as duas pessoas com Pós-graduação afirmaram ter contato com a filosofia por revistas, jornais e televisão. Doze respondentes disseram que não se lembram de ter assistido ou nunca assistiram aos programas sobre filosofia. Os seis que assistiram alegaram que os programas são interessantes. Dois deles afirmaram que os programas são chatos, por serem excessivamente subjetivos e por não mostrarem aplicação na prática (um de nível superior e outro de nível médio/fundamental).

Dos seis entrevistados que responderam terem assistido a algum programa, três disseram que os programas ajudam as pessoas a serem mais reflexivas, pois os conteúdos falam das relações humanas e da aceitação do outro. Dois disseram que os

programas não ajudam na construção de uma visão mais crítica e reflexiva sobre o mundo e não apontaram justificativa e um declarou que não sabia avaliar a questão para responder. Para os respondentes, a Filosofia está presente no mundo contemporâneo, pois os temas filosóficos estão interligados às profissões e com o dia-a-dia das pessoas e também porque esses temas ajudam a lidar com as situações da vida. Para eles, independentemente do nível de escolaridade, a Filosofia deveria ser mais divulgada e mais estudada em escolas de todo o país, inclusive oficinas e cursos livres, pois ajuda a entender a si mesmos a pensar criticamente sobre a realidade e o mundo em que se vive, além de raciocinar de maneira mais clara e objetiva.

Apenas seis questionários foram respondidos por estudantes de filosofia de ensino superior. Quatro são de estudantes de universidade pública e dois são de faculdade particular, a média de idade dos estudantes é de 23 anos. Todos os estudantes de universidade pública consideram as aulas de Filosofia satisfatórias, enquanto os estudantes de faculdade privada as consideram medianas. Sejam estudantes de universidade pública, sejam de particulares, todos responderam que não são usados recursos televisivos, como filmes ou programas de Filosofia, ou com a temática filosófica em sala de aula. Os estudantes consideram que o uso do recurso é importante, pois leva dinamismo para dentro do espaço acadêmico.

Os programas de Filosofia que estão disponíveis na TV não são assistidos pelos alunos de faculdade privada, sendo que todos os alunos de universidade pública já assistiram a algum dos programas (*Ser ou Não Ser*, *Ética e Café Filosófico*). Apenas dois dos seis estudantes consideram que os programas de Filosofia veiculados na TV ajudam o cidadão a ser mais reflexivo e mais crítico, pois auxiliam a agendar o debate e a contribuir para que as pessoas possam refletir sobre alguns princípios que são ignorados pela maioria. Cinco dos estudantes consideram que a mediação de professores e de programas sobre Filosofia (ou com temática filosófica) permite conhecer melhor os desafios éticos do mundo contemporâneo. No entanto, afirmam que os programas tratam o tema de modo superficial.

Os professores de filosofia consideraram a pesquisa interessante e motivadora. Dois professores de Ensino Fundamental foram contatados, mas não aceitaram responder ao questionário alegando que não estavam interessados. Ao todo, foram quatro professores que responderam ao questionário, que tem 31 perguntas, entre fechadas e abertas. O questionário aplicado a eles seguiu, em linhas gerais, o modelo de questionário CAP (conhecimento, atitudes e práticas).

Os quatro professores respondentes são graduados em Filosofia, sendo que três são pós-graduados. Dois lecionam em escola privada de nível superior e dois em escola pública de nível médio, seja no Plano Piloto, seja em cidade satélite de Brasília-DF. Os quatro professores lecionam Filosofia há mais de cinco anos.

Todos os professores conhecem e já assistiram aos programas *Ética* do Canal Futura, *Ser ou Não Ser* do Fantástico/TV Globo, *Saia Justa* do GNT, *Café Filosófico* da TV Cultura. Eles conheceram os programas por acaso ou pela própria programação televisiva. Quanto ao programa *Ética*, do Canal Futura, um professor afirmou que às vezes assiste ao programa, dois professores disseram que nunca o assistiram e um não apontou a frequência de consumo. Quanto ao *Ser ou Não Ser*, do Fantástico/TV Globo,

um afirmou que sempre assiste ao programa, um que às vezes assiste e dois que poucas vezes assistiram ao *Ser ou Não Ser*. Quanto ao *Saia Justa*, do GNT, um professor afirmou que sempre o assiste, outro disse que poucas vezes o assistiu, um afirmou que nunca o assiste e outro não apontou a frequência de consumo. Quanto ao *Café Filosófico*, da TV Cultura, três disseram que sempre assistem ao programa e um disse que poucas vezes o fez. O *Café Filosófico* foi citado pelos professores com um programa cuja estrutura facilita o debate e o pensar crítico.

Três professores assistem sozinhos aos programas de Filosofia que estão na televisão, sendo que um deles afirmou que também assiste aos programas, acompanhado de amigos e familiares. Apesar de assistirem sozinhos aos programas, os professores interagem com seus amigos, familiares e colegas de trabalho, seja conversando a respeito, seja emitindo opiniões sobre o conteúdo da programação. Três dos professores declararam que, após assistirem aos programas, buscam relacionar o conteúdo com a vida cotidiana. Em relação a seus colegas de trabalho, todos disseram que conversam informalmente na sala dos professores e dois deles disseram que as conversas se estendem pelos corredores das escolas. Quanto ao ambiente de trabalho, três professores declararam incorporar o conteúdo da programação televisiva sobre Filosofia à sua prática profissional, de modo formal ou informal. Três disseram que fazem isso levando o conteúdo para dentro de sala de aula, discutindo com os alunos, e, dentre eles, um afirmou que também o faz publicando artigos e comentários em sites da Internet.

Quanto a levar o conteúdo da programação televisiva sobre Filosofia para dentro da sala de aula, dois professores declararam que o fazem normalmente, usando o programa como recurso didático. Um professor justificou a prática dizendo que o recurso amplia os exemplos já dados, assim como permite abordar o conteúdo de forma diferenciada. Outro professor considera que o formato televisivo colabora para despertar o interesse, propiciando ao aluno fazer conexões entre as idéias e dessa forma, promove o processo ensino-aprendizagem. Já outro professor declara que leva aos alunos o conteúdo dos programas de modo informal, por intermédio de bate-papos e de roda de discussão.

Os professores que mais assistem aos programas de cunho filosófico são aqueles que os incorporam na prática pedagógica de modo formal. Eles relatam que a experiência é positiva e que os alunos ficam mais entusiasmados, manifestando suas opiniões com mais conteúdo e com melhor argumentação. Esses professores comentam que os próprios alunos buscam outros programas para ilustrar trabalhos acadêmicos, assim, o debate em sala de aula flui, pois o aluno leva o conteúdo do programa para dentro da sala de aula, seja porque ficou com dúvidas, seja porque quer novas explicações, uma vez que o assunto chamou a atenção dele ou porque reporta um fato ocorrido dentro da própria família. Um professor que incorpora a programação, de modo informal, diz que as aulas precisam ser mais profundas que os programas de Filosofia que passam na televisão, para que o aluno não chegue a conclusão de que é melhor assistir à televisão à participar da aula.

Quanto ao uso do recurso televisivo e da programação de Filosofia em sala de aula, há convergências e divergências entre os quatro professores que se dispuseram a

responder ao questionário. Dois professores são entusiastas do uso da programação em sala de aula e apontam os benefícios para o processo ensino-aprendizagem. Um mantém uma postura crítica, pois entende que a televisão foi criada para entreter e por isso é preciso que o objetivo pedagógico do uso da televisão esteja muito claro. Para esse professor, “a televisão hipnotiza mais que um bate-papo”. Outro professor manifesta certa resistência e só admite o uso do recurso da televisão e dos programas se contextualizado pelo professor.

Três dos professores concordam em parte que Filosofia e Televisão são compatíveis, sendo que apenas um concorda plenamente. Na linha de coerência, os três professores consideram que os programas televisivos de Filosofia (isoladamente) não ajudam o aluno a ser mais reflexivo e mais crítico sobre o mundo ao seu redor, sendo que apenas um deles concorda com isso.

Um professor justificou sua resposta sobre discordar da capacidade de os programas televisivos de Filosofia serem mediadores, dizendo: “A presença da Filosofia na TV não me parece ser útil para essa mediação. Pois o grande barato da Filosofia é deixar questões em aberto e os programas de tevê com estrutura filosófica têm apontado para respostas parciais... E isso quebra o maior objetivo da Filosofia que é o de provocar no ouvinte o pensar, o questionar, o criticar. Talvez o professor possa usar o recurso para fazer crítica ao próprio recurso e, assim, oferecer ao aluno alternativa ao processo... Mas isso é uma outra história”.

Outro professor justificou sua concordância dizendo: “a presença de programas de Filosofia compensa a péssima qualidade da programação e a superficialidade dos programas de entretenimento, uma vez que a audiência está cada vez mais segmentada, demanda conhecimento estruturado e uma programação que faz pensar”.

Seguindo a linha, os quatro respondentes entendem que a mediação dos professores sobre os programas e o conteúdo filosófico é o que permite ao aluno conhecer melhor os desafios éticos do mundo contemporâneo. Para eles, é o professor que propicia a contextualização dos assuntos e, por isso, o aluno, diante dessa mediação e não do programa da televisão em si, pode responder com mais sensatez aos desafios do mundo. Um dos professores afirma: “a figura do professor ajuda na filtragem de informações e na organização do conhecimento, pois o aluno pode observar, comparar e aproximar as teorias do cotidiano dele”. A contextualização dos assuntos, segundo os professores, dá-se por intermédio de filmes que mostram a realidade, de leitura de textos sobre assuntos, de discussões em grupo, de exemplos levados para dentro de sala de aula, de incentivo à leitura de jornais, livros, artigos e do uso da Internet, entre outros.

Perguntados sobre se percebem mudança no comportamento dos alunos, após a mediação de assuntos filosóficos com o uso formal ou informal dos conteúdos dos programas televisivos de Filosofia em sala de aula, mediados por professores, três deles declararam perceber mudanças na postura do aluno, afirmando que eles ficam mais compenetrados, usam expressões melhores e prestam mais atenção às aulas. Segundo esses professores, o nível de experiência vai depender do grau de maturidade do estudante. Entretanto, seja qual for o nível de maturidade, o aluno consegue ter uma percepção mais aprofundada sobre a vida e as questões humanas. Apenas um professor não respondeu à questão.

Aos professores, foi perguntada a opinião sobre por que as televisões estão interessadas na veiculação de programas de Filosofia. As respostas apontam para a lógica de mercado, de audiência, e não para a lógica do interesse público ou do acesso à informação. No entanto, os três professores também apontam as contradições afirmando que ao levar a Filosofia em forma de programas televisivos à audiência, o próprio meio está contribuindo, em parte, para a formação de um cidadão mais crítico e mais comprometido consigo mesmo e com o mundo. Um professor discorda plenamente, afirmando que a televisão não promove o pensar crítico.

Para um dos professores, a Filosofia está na televisão porque os gestores talvez queiram passar a idéia de que estão a serviço da Educação. Para outro, é uma questão de conveniência social: intenção de mostrar que há uma preocupação por parte dos proprietários dos meios de comunicação com as questões humanas. Para outro, é uma questão de desmitificar a idéia do filósofo distante de nós, uma pessoa aérea, com linguagem difícil. Para outro, porque é importante mostrar que o pensar crítico deve ser desenvolvido não só por intelectuais, mas por todos os cidadãos e, por isso, é importante haver bons programas, discutindo o cotidiano, trazendo exemplos e usando uma linguagem acessível à população.

Perguntados sobre como se posicionam diante da crítica de que há banalização da Filosofia, dois professores concordam que há certa banalização, um discorda (em parte) e um não respondeu. Os que concordam, justificam sua posição apontando a superficialidade dos programas. O que discorda, em parte, justifica dizendo que a Filosofia pertence ao ser humano, mas que é preciso observar os conteúdos filosóficos que estão sendo comunicados pelas emissoras de comunicação, por intermédio dos programas.

Discussão dos Resultados

Os programas televisivos sobre Filosofia são importantes, pois ajudam a divulgá-la. No entanto, não chegam ao ponto vital, tratando os assuntos de modo ainda superficial. Mesmo recebendo tal tratamento, os programas auxiliam na construção de uma visão mais crítica e reflexiva e também a enfrentar os desafios éticos do mundo contemporâneo, funcionando como um despertar para o assunto.

É importante salientar que a televisão, por sua especificidade enquanto veículo de comunicação, tem dificuldade em aprofundar assuntos. Também vale ressaltar o valor dos professores e da instituição escola como mediadores para o contato com a Filosofia, como apontado pelos respondentes da pesquisa, os quais também disseram que o desafio é incorporá-la ao dia-a-dia.

Os estudantes de Filosofia e as pessoas que se relacionam com essa área de conhecimento entendem que os programas de televisão sobre Filosofia, apesar de superficiais, podem funcionar com um interruptor para despertar postura mais ética diante do mundo. A força mediadora para a construção de um pensar mais crítico e para promover uma formação mais cidadã está nos professores, cuja importância é ressaltada também pelo grupo de estudantes e de pessoas que se relacionam com a Filosofia.

Ou seja, os professores e o ambiente de sala de aula são os propulsores para a formação da visão crítica e da postura ética. No entanto, é importante ressaltar que a

qualidade da mediação cresce à medida que os professores entram em contato e consomem os produtos mediáticos sobre Filosofia que são veiculados em canais abertos e fechados.

Os professores com alta frequência de consumo são os que mais refletem sobre os programas, conversam e emitem suas opiniões sobre eles, seja entre o grupo familiar, seja entre seus pares no ambiente de trabalho seja dentro de sala de aula, incorporando formalmente a programação televisiva sobre Filosofia em seus planos didático-pedagógicos. Os professores entrevistados perceberam mudanças no comportamento dos alunos depois das aulas de Filosofia, nas quais os assuntos foram contextualizados e integrados à experiência de vida dos estudantes. Os alunos se tornam mais compenetrados, usam melhores expressões e prestam mais atenção às aulas. A dinâmica de consumo de programas televisivos sobre Filosofia entre alunos e professores permite ao docente exercer a função de contextualização e, assim, realmente, dialogar com os alunos, o que leva a uma formação mais crítica sobre o mundo em ambos os sujeitos.

Já os estudantes de Filosofia reclamaram da falta de uso de recursos em sala de aula, como filmes e programas sobre Filosofia, para incorporar mais dinamismo ao espaço acadêmico. A reclamação procede, pois os professores que usam esses recursos afirmam que eles imprimem uma dinâmica mais viva às aulas. No entanto, a pesquisa apontou que o uso de programas de televisão em sala de aula não é assunto unânime entre os docentes, pois há quem acredite nos programas como uma forma de complementar a educação dos alunos e há quem resista a essa nova experiência.

Conclusão:

A pesquisa exploratória *Filosofia na TV: indutora na formação crítica cidadã*, realizada no período 2007/2008 como Programa de Iniciação Científica – PIC – UniCEUB, ressalta, na verdade, a força da comunicação interpessoal na construção da visão de mundo, na modificação de hábitos e atitudes e na formação do sujeito (indivíduo-cidadão). Reafirma também que a televisão tem o poder de agendar temas e trazer os assuntos para a pauta pública, porém não é ela, como meio de comunicação de massa ou o conteúdo de sua programação, que causa impacto direto no indivíduo, mas a força de mediadores, como professores, que, em sala de aula, ajudam a formar e a moldar o ser humano.

A convergência - Filosofia e Televisão – é ainda pouco explorada no âmbito dos estudos acadêmicos. O sentido exploratório e inusitado engrandece a pesquisa realizada e contribui para o avanço dos estudos sobre mediação e efeitos a longo prazo dentro do campo de estudo da Comunicação Social.

Diante dos dados coletados em quatro populações distintas (professores de nível superior e de nível médio; alunos de Filosofia; pessoas que têm interesse no assunto, mas não são graduados em Filosofia; e pessoas que não têm nenhum contato com a área) e diante dos resultados alcançados, é possível afirmar que a pesquisa aponta evidências de que a presença de programas de Filosofia na televisão, aliada à recente obrigatoriedade do ensino de Filosofia e Sociologia nas escolas de Ensino Médio e respaldada pela mediação de professores dentro de sala de aula, contribui para a formação mais crítica do indivíduo-cidadão, filosoficamente mais comprometido consigo mesmo e com o mundo em que está inserido.

Referências Bibliográficas:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando – Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (Org.). *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

RABUSKE, Edvino A. *Antropologia Filosófica*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 8ª ed., 1986.

TRASFERETTI, José Antonio (org.). *Filosofia, Ética e Mídia*. São Paulo: Editora Alínea, 2001.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa. Editorial Presença. 1987.

Artigos

ACCIOLY, Denise Cortez da Silva. *As relações entre a escola, a família e a televisão: contribuições para a formação do telespectador*. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006, promovido pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação).

SILVA, Pollake Carla. *Estudos de Audiência e Recepção, mais que números do IBOPE – aspectos históricos*. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006, durante o Seminário de Temas Livres de Comunicação, promovido pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação).

Sites

<http://www.futura.org.br/main.asp>

<http://globosat.globo.com/gnt/programas/oprograma.asp?gid=51>

<http://www.marciatiburi.com.br>

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,4686,00.html>

<http://www2.camara.gov.br/tv>



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas

Filosofia na TV: indutora na formação crítica cidadã

Orientação

Mônica Igreja do Prado - Mestre em Comunicação Social
pradomonica2004@yahoo.com.br

Bolsista

Daniella Cristina Jinkings Sant'Ana
dannicris@gmail.com

FATECS

Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas

Comunicação Social
Jornalismo

Brasília-DF

2º semestre de 2007 e 1º semestre de 2008

Resumo

Os programas televisivos sobre Filosofia ajudam a divulgar o assunto, mesmo que o tratamento dado ao tema ainda não seja o ideal. Ainda assim, eles auxiliam na construção de uma visão mais crítica e reflexiva e ajudam a enfrentar os desafios éticos do mundo contemporâneo, pois fazem com que o público tenha um despertar para o assunto. Os professores e o ambiente de sala de aula são os propulsores para a formação da visão crítica e de uma postura ética nos estudantes. No entanto, a pesquisa aponta que a qualidade da mediação cresce na medida em que os professores também se mantêm em contato e consomem produtos midiáticos sobre filosofia veiculados pela televisão, pois assim, os alunos também se tornam consumidores. Os professores com alta frequência de consumo são os que mais refletem, conversam e emitem suas opiniões sobre os programas, seja entre o grupo familiar ou entre seus pares no ambiente de trabalho, seja dentro de sala de aula incorporando formalmente a programação televisiva sobre Filosofia em seus planos didático-pedagógicos. Esses professores, também, declaram perceber mudanças no comportamento dos alunos depois de aulas de Filosofia nas quais os assuntos foram contextualizados e integrados à experiência de vida dos estudantes. De acordo com os docentes, os alunos se tornam mais compenetrados, usam melhores expressões e prestam mais atenção às aulas. A dinâmica de consumo de programas televisivos sobre Filosofia entre alunos e professores permite ao professor exercer a função de contextualização, e assim dialogar com os alunos, o que leva à formação mais crítica sobre o mundo em ambos os sujeitos. A pesquisa ressalta, na verdade, a força da comunicação interpessoal na construção da visão de mundo, na modificação de hábitos e atitudes e na formação do sujeito (indivíduo-cidadão), e reafirma que a televisão tem o poder de agendar temas e trazer os assuntos para a agenda pública, pois tanto ela quanto o conteúdo de sua programação causam impactos diretamente no indivíduo. O que faz efeito é a força de mediadores, como professores, os quais ajudam a formar e a moldar o ser humano no ambiente da sala de aula. Foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas a quatro grupos de pessoas: professores e estudantes de Filosofia, pessoas que se relacionam diretamente com o assunto e pessoas sem relação direta com Filosofia. A aplicação se deu pessoalmente, coletivamente e por email. A amostra foi por conveniência. Para a análise dos dados, utilizou-se análise de conteúdo qualitativa.

Palavras-chave: Filosofia, televisão, mediação, professores.

SUMÁRIO

1. Introdução	4
1.1 TEMA	4
1.2 OBJETIVO.....	5
1.3 JUSTIFICATIVA	6
2. Fundamentação Teórica	6
3. Metodologia.....	8
4. Desenvolvimento Da Pesquisa	9
4.1 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS E RESULTADO DA ANÁLISE	10
5. Considerações Finais	15
6. Conclusão	16
7. Referências Bibliográficas	18
7.1 ARTIGOS	18
7.2 SITES	18

1. Introdução

1.1 Tema

A Filosofia chegou à televisão brasileira no século XXI. O Canal Futura¹ exibe *Ética*² dentro da temática Filosofia e Subjetividade, presente na grade de programação da emissora. O canal Cultura exibe o programa Café Filosófico. O canal GNT, exibe *Saia Justa*³, em que uma das apresentadoras é a filósofa *Márcia Tiburi*⁴. O canal aberto da mesma organização – Rede Globo de Televisão – exibe *Ser ou Não Ser*⁵, quadro sobre Filosofia do *Fantástico*, apresentado pela filósofa Viviane Mosé.

O que a Filosofia está fazendo na televisão? Por que a televisão trouxe para dentro de seu mundo a Filosofia? O que duas áreas tão antagonicamente estereotipadas, nos dias atuais – Filosofia é um exercício intra-muros, apenas afeto a doutos da academia; a Televisão é o símbolo do entretenimento, do vazio crítico e do valor da aparência – estão fazendo juntas? Nunca o mundo contemporâneo – pós-moderno – necessitou tanto do pensar crítico, racional, da Filosofia, para impulsionar a resolução de problemas que desafiam a sobrevivência da espécie humana. Nunca o mundo contemporâneo se viu tão influenciado pelos meios de comunicação, em especial a televisão e as novas mídias, como a Internet.

“O brasileiro adora televisão, prescinde da geladeira, mas não fica sem televisão (98% dos brasileiros têm aparelhos de televisão em casa, enquanto 95% têm geladeira). A televisão é um veículo forte e poderoso, e o brasileiro foi formado por uma TV de alta qualidade técnica”, diz a crítica de televisão e presidente da Associação Paulista de Críticos de Arte, a jornalista Leila Reis⁶. Dados do Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisas (IBOPE) apontam que o brasileiro, em 2005, permaneceu 5 horas, 2 minutos e 25 segundos por dia diante do televisor, ou seja, os brasileiros são “televisuais”.

¹ O Canal Futura foi criado em 1997. Segundo o *site* oficial da emissora, a programação chega a 60 milhões de pessoas por meio de antenas parabólicas (banca C), TV por assinatura (Net, Sky e Direct TV) e TV aberta. Os programas do Canal Futura são utilizados por 12 mil instituições em todo o país (escolas, hospitais, órgãos públicos, bibliotecas, presídios dentro outros) que abarcam uma audiência de 2 milhões de pessoas. Disponível em: <http://www.futura.org.br/main.asp>. Acesso em 27 de março de 2007.

² *Ética* divide com dois outros programas (*Consciência: Educação para a Paz e Não é o que Parece*) a temática Filosofia e Subjetividade da grade de programação do Canal Futura. A série *Ética* apresenta questões sobre ética presentes no cotidiano através de uma reflexão sobre as responsabilidades e escolhas que guiam a conduta dos brasileiros. Cada programa utiliza material de teledramaturgia - trechos de novelas e minisséries da TV Globo - a fim de ilustrar dilemas e conflitos éticos que conduzam a uma reflexão sobre situações que fazem parte de nossa vida, mas que nem sempre são alvo de avaliação mais profunda. *Ética* mostra ainda que, apesar da pressão que diversos grupos sociais exercem, há diversas opções e caminhos a seguir.

³ *Saia Justa* estreou no GNT em 2002. Em maio de 2005, a filósofa Márcia Tiburi se integra ao programa como apresentadora, junto com a âncora Mônica Waldvogel, Betty Lago, Maitê Proença e Soninha.

⁴ Márcia Tiburi é graduada, mestre e doutora em Filosofia. Disponível em: <http://www.marciatiburi.com.br>.

⁵ O quadro *Ser ou Não Ser?* já está na sua terceira edição. A primeira foi em 2005, a segunda e a terceira em 2006. Disponível em: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,4686,00.html>.

⁶ Participação no primeiro programa do *Ver TV*, programa da TV Câmara em realização conjunta com a TV Nacional, com apoio da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/tv>. Acesso em 27 de março de 2007.

Filosofia e Televisão são compatíveis? Em que e como a Filosofia dentro da televisão apóia, promove e impulsiona o exercício do pensar crítico? Em que e como a Televisão apóia, promove e impulsiona a necessidade de “filosofar” do ser humano?

A pesquisa acadêmica observa e analisa a convergência desses dois mundos e seus efeitos. “(...) Compreendemos o mundo como *a priori concreto*, pois os conteúdos da nossa experiência entram na nossa concepção de mundo e a modificam continuamente. Há uma determinação recíproca de sujeito e objeto, de homem e mundo. O mundo é a totalidade do nosso concreto espaço de vida e o horizonte de nossa compreensão. (...) A experiência humana sempre está penetrada pela compreensão racional, pela avaliação volitiva e emocional, pela recordação do passado e pela antecipação do futuro. No nosso mundo da experiência, encontramos-nos, antes de tudo, como homens entre homens. O *ser-no-mundo* é inseparável do *ser-com-outros*. A compreensão do mundo é social: somente pela relação com os outros homens participamos de um mundo histórico-cultural”, explica o filósofo Edvino A. Rabuske⁷.

O *ser-com-outros*, em tempos contemporâneos, está sendo mediado pela televisão e, junto com ela, por diversas outras instituições, como família, Igreja e sociedade. Como *ser-com-outros* é inseparável de *ser-no-mundo*, a intersecção Filosofia – Televisão permite pensar na possibilidade de experiências que sejam indutoras na formação crítica do indivíduo. O teólogo e filósofo José Trasferetti, em seu livro *Filosofia, Ética e Mídia*⁸, aborda esse entroncamento:

Para construir a cidadania, tendo como interlocutor privilegiado os meios de comunicação social, é preciso uma atitude filosófica que supere o imediatismo e o pragmatismo inerente ao individualismo reinante em nossa sociedade. Os meios de comunicação estão incorporados a nossa realidade cotidiana, fazem parte do nosso dia-a-dia. Não se trata de superá-los, ou de evitá-los, mas de entrar em comunhão com seu real significado e transformá-lo num instrumento de razão científica.

1.2 Objetivo

Filosofia na TV, como pesquisa acadêmica, analisa a Filosofia presente na televisão e que, portanto, gera efeitos no consumidor de informação de produtos midiáticos. O indivíduo se vê afetado e impactado por esses produtos e reage a eles tanto na esfera privada como na pública. A pesquisa também observa criticamente se a Filosofia, ao ser absorvida pela televisão, permitiu-se “filosofar” ainda que usando o linguajar televisivo, estético por condição estrutural. Afinal, Filosofia na TV fomenta o pensar crítico a partir da mediação de outras instituições? Induz à formação de um indivíduo-cidadão mais comprometido consigo mesmo e com as coisas do mundo? Como se processa esse efeito da Filosofia na TV na concepção de mundo de consumidores midiáticos?

Assim, a pesquisa tem por objetivo analisar a mediação que professores de Filosofia realizam a partir dos conteúdos de Filosofia veiculados pela televisão, em salas de aula. A pesquisa tem também por objetivo entender os efeitos dessa mediação

⁷ RABUSKE, Edvino A. *Antropologia Filosófica*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 8ª ed. 1986, página 38 e 39.

⁸ TRASFERETTI, José Antonio (org.). *Filosofia, Ética e Mídia*. São Paulo: Editora Alínea, 2001, pág. 186.

em alunos e em consumidores avulsos de conteúdos de Filosofia. O objetivo geral é buscar evidências de que a presença da Filosofia na TV e a mediação de professores para conteúdos de Filosofia na esfera midiática contribuem para uma formação mais crítica do indivíduo-cidadão.

O quadro investigativo visa dar suporte à hipótese de que Filosofia na TV é indutora na formação crítica cidadã. Ao apropriar-se de um conteúdo e vivenciar a sua mediação, o efeito a médio e longo prazos tende a ser a formação de um indivíduo filosoficamente mais comprometido consigo mesmo e com o mundo em que está inserido.

1.3 Justificativa

Os estudos pretendem explicar como o sujeito consome o produto simbólico dos meios de comunicação e como devolve ao mundo esse consumo, num mote contínuo de criação e recriação da realidade. O ponto chave dos estudos contemporâneos sobre os efeitos é a forte presença da comunicação interpessoal como mediadora de construção de significado. A comunicação interpessoal é a base da construção de sentidos porque ela se realiza no contexto dinâmico e diário da vida de cada indivíduo e na presença de um emissor e de um receptor.

2. Fundamentação Teórica

O consumidor de produtos midiáticos é acima de tudo um sujeito ativo. Como sujeito, ele interpreta o que recebe, rejeita o que não agrada e absorve o que interessa. A pesquisa sobre Filosofia na TV toma como premissa o consumidor ativo. Essa é a tendência dos estudos teóricos sobre os efeitos dos meios de comunicação (estudos de recepção e audiência) nos dias de hoje.

Os estudos pretendem explicar *como* o sujeito consome o produto simbólico dos meios de comunicação e *como* devolve ao mundo esse consumo, num mote contínuo de criação e recriação da realidade. O ponto chave dos estudos contemporâneos sobre os efeitos é a forte presença da comunicação interpessoal como mediadora e interface para a construção de opiniões, saberes, valores, atitudes, crenças e comportamentos, assim como de instituições mediadoras de construção de significado.

A comunicação interpessoal é a base da construção de sentidos porque ela se realiza no contexto dinâmico e diário da vida de cada indivíduo e na presença de um emissor e de um receptor. No âmbito da Teoria da Mediação, “a construção de significados dependeria de quem interpreta os conteúdos e do contexto de recepção dos conteúdos”⁹.

Os efeitos foram sistematizados pela Teoria da Dependência. Segundo essa abordagem teórica, há efeitos cognitivos, afetivos e comportamentais. Além disso, os estudos contemporâneos preocupam-se com o tipo de influência dos meios (direta, indireta, social e individualmente) e com o tempo em que os efeitos começam a aparecer (a curto, a médio e a longo prazo).

⁹ SOUZA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

Nesse contexto, é corrente, na América Latina e em estudos brasileiros sobre recepção, a questão das mediações. Instituições como escola, família, Igreja e grupos sociais são mediadoras das informações dos meios. Pesquisa de Denise Accioly¹⁰ com educadoras no Rio Grande do Norte aponta que é preciso assistir aos programas de televisão para fazer ligação com os conteúdos de aprendizagem, pois a programação televisiva influencia o comportamento, as conversas, os códigos, os valores e os saberes dos alunos.

Nessa pesquisa constatamos que as educadoras reconhecem a presença e a influência da televisão na vida dos educandos, mas nem sempre vêm na instituição escolar uma aliada capaz de auxiliar na reflexão crítica da mídia, delegando responsabilidade maior para a família. (pág. 13)

Accioly conclui que a representação que as educadoras têm da televisão contribui para reflexão e análise sobre a mídia na formação docente, uma vez que essa representação se reflete na prática profissional e no diálogo da mídia dentro do espaço escolar. Ou seja, a mediação dos professores em relação aos alunos está condicionada à mediação que outros sujeitos fizeram em relação aos professores. O que, para a presente pesquisa acadêmica, ressalta a importância de ter professores de Filosofia do Ensino Superior e Médio como sujeitos da pesquisa de campo.

Paralelamente à questão das mediações, estão os estudos sobre os usos e as gratificações dos meios. Os estudos de Alan Rubin, pesquisador norte-americano, mostram que há dois tipos de usuários de televisão: os que buscam passatempo e entretenimento e os que buscam informação ou aprendizagem. Carla da Silva¹¹, em *paper* apresentado no Intercom 2006, explica:

(...) Os usuários que assistem à televisão por hábito ou por entretenimento sentem uma afinidade maior com o meio de comunicação, indiferentemente do conteúdo do programa. (...) Os telespectadores de informação não estão utilizando a TV para escapar de um ambiente de informação, obviamente, mas estão usando bastante a televisão – e gêneros específicos de programação informativa – para aprender sobre as pessoas, lugares e eventos e usam essas informações para interação pessoal.

Além das questões de mediação, a comunicação interpessoal é fundamental na hora de compreender a si mesmo e ao mundo, conforme os estudos da Sociologia Interpretativa, que na década de setenta do século passado, trouxeram a percepção de que os meios de comunicação são agentes diretamente modeladores e transformadores do conhecimento social e das referências simbólicas da sociedade. Jorge Pedro Souza¹² assim expõe a questão:

(...) os autores filiados nas correntes da sociologia interpretativa vêem a sociedade como uma trama complexa de diferentes grupos interpenetrantes e interativos capazes de criar

¹⁰ ACCIOLY, Denise Cortez da Silva. *As relações entre a escola, a família e a televisão: contribuições para a formação do telespectador*. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006, promovido pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação), p. 13.

¹¹ SILVA, Pollake Carla. *Estudos de Audiência e Recepção, mais que números do IBOPE – aspectos históricos*. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006, durante o Seminário de Temas Livres de Comunicação, promovido pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação), p. 11.

¹² SOUZA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002, p.126.

os seus próprios universos simbólicos e os seus mecanismos de interpretação da realidade, razão pela qual as relações interpessoais em interação e, portanto, a comunicação interpessoal, seria preponderante nesse processo cognitivo, independentemente de este poder ser influenciado pela comunicação massivamente mediada.

3. Metodologia

A metodologia tem como base a pesquisa exploratória, qualitativa, amostragem por conveniência, entrevistas em profundidade e questionários semi-estruturados.

O caminho para a pesquisa acadêmica sobre Filosofia na TV tem três grandes etapas. Os sujeitos deste trabalho são os professores (jovens e adultos) de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias, que efetivamente ministram aulas de Filosofia no Ensino Superior; alunos (estudantes jovens e adultos) de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias, que voluntariamente aceitaram participar da pesquisa acadêmica; pessoas que têm interesse em Filosofia (jovens e adultos, não graduados em filosofia, que freqüentam cursos de Filosofia especializados por conta própria); e pessoas que não tem nenhum contato com Filosofia, a partir da aplicação de questionário estruturado.

A primeira etapa é composta pelo levantamento exploratório, por intermédio de pesquisas na Internet, nos sítios e nos “blogs”, que abordam a chegada da Filosofia à TV e os programas correspondentes a esse tema. Também faz parte dessa etapa a reunião do *corpus* para análise dos programas *Ser ou Não Ser?*, *Ética* e a participação da filósofa em *Saia Justa* e as entrevistas com os apresentadores de cada um dos programas; o levantamento bibliográfico sobre o entroncamento dos mundos Filosofia e Televisão e a revisão da literatura sobre a Teoria dos Efeitos dos Meios de Comunicação de Massa.

A segunda etapa é composta pela elaboração, aplicação e análise das entrevistas em profundidade com professores de Filosofia do Distrito Federal, que efetivamente ministram aulas de Filosofia. Também é composta da elaboração, aplicação e análise das entrevistas em profundidade com professores, que efetivamente ministram aulas de Filosofia. O cerne das entrevistas em profundidade com os professores será a mediação dos conteúdos dos programas de Filosofia veiculados pelas emissoras de televisão.

A terceira etapa tem como alvo grupos de alunos, grupos de interessados em Filosofia e pessoas que não tem contato direto com filosofia, que voluntariamente aceitarem participar da pesquisa acadêmica. Os voluntários respondem à entrevista semi-estruturada aplicada a cada um dos grupos.

Dois instrumentos foram basicamente utilizados para a pesquisa. O primeiro foi um roteiro de entrevista elaborado no decorrer do projeto com o objetivo de conhecer qualitativamente as relações de mediação que são feitas pelos professores de Filosofia e os programas exibidos pela televisão brasileira, mais precisamente pelas Organizações Globo, seja no canal aberto – TV Globo (Programa Fantástico), seja nos canais por assinatura, Futura e GNT. O outro instrumento foi o questionário semi-estruturado para a entrevista em profundidade.

A entrevista em profundidade, como técnica de coleta de dados, que visa saber como determinada questão é percebida pelo conjunto dos entrevistados. Jorge Duarte¹³ assim enfatiza a técnica qualitativa de coleta de dados:

(...) as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microintenções, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada.

A análise dos dados, obtidos por intermédio de entrevistas em profundidade, será realizada tanto quantitativamente como qualitativamente por intermédio de categorias, ou seja, informações classificadas a partir de determinado critério que somente é possível identificar ao longo da pesquisa. As categorias – palavras-chaves - terão origem no marco teórico e estarão de certa maneira indicadas no roteiro da entrevista. No mesmo artigo, Jorge Duarte assim define categorias:

Categorias são estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir do fracionamento e da classificação em temas autônomos, mas inter-relacionados. Em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria, citando frases colhidas durante as entrevistas e a tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado.

A aplicação das entrevistas em profundidade (semi-estruturadas) terá como critério seletivo a seguinte ordem de prioridade: ser voluntário, ter disponibilidade de horário, ter sido aluno ou ser aluno de Filosofia ou professor.

4. Desenvolvimento da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas. A primeira constituiu basicamente na pesquisa exploratória. Houve o levantamento de dados da Internet (sítios e “blogs”), onde foram encontrados artigos, indicações bibliográficas, informações sobre os programas estudados, contatos com apresentadores e pessoas interessadas. O levantamento bibliográfico indicou livros e artigos que envolvem Filosofia, Mídia e Televisão, além de livros sobre as teorias da comunicação.

Depois de analisar o projeto, verificar o cronograma e a data de entrega dos documentos ao Conselho de Ética, tomou-se a decisão de fazer uma mudança na metodologia da pesquisa. Não haverá mais coleta de dados em Escolas de Ensino Médio e Superior, mas questionários aplicados a alunos e professores independentemente das instituições de ensino. Todos os questionários são impessoais, ou seja, não identificam o entrevistado.

Além disso, optamos pela inserção de mais duas populações à pesquisa. A primeira referente às pessoas que se interessam por Filosofia, independentemente da profissão. A maioria dessas pessoas estuda Filosofia em cursos particulares, sem ligações com Instituições de Ensino. A segunda população é de pessoas que não possuem nenhuma ligação com Filosofia, e foi incluído ao projeto após a sugestão da

¹³ DUARTE, Jorge. *Entrevista em Profundidade*, in DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (Org.). *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005, página 63.

Comissão Avaliadora do VI Programa de Iniciação Científica do UniCEUB. A inclusão desses novos grupos melhora qualitativamente a pesquisa, pois permite contextualizar melhor o objetivo da pesquisa.

A segunda fase da pesquisa foi a elaboração e aplicação de questionários semi-estruturados para alunos, pessoas interessadas em Filosofia e pessoa sem ligação com essa área de conhecimento; entrevistas em profundidade com professores de Filosofia. Os professores foram selecionados por amostra de conveniência, assim como os outros grupos focais. Dos sete professores contatados, apenas quatro aceitam participar. Um deles silenciou-se e não deu resposta, outros dois foram considerados não habilitados a darem entrevista. Os quatro que participaram são dois professores de nível superior e dois de nível médio. Todos tomaram a decisão de participar respondendo ao questionário por email, ao invés de entrevistas pessoalmente.

A terceira fase consistiu na análise dos dados coletados nos questionários e entrevistas. Esses dados serviram para fazermos uma análise qualitativa relacionada aos impactos da Filosofia que é passada na TV na formação das pessoas envolvidas.

4.1 Interpretação dos dados e resultado da análise

a) Questionários aplicados a pessoas que se relacionam com Filosofia

Os questionários foram aplicados no dia 24 de março de 2008, após a aula noturna de um curso particular de Filosofia. Os entrevistados responderam e entregaram os questionários no mesmo dia da aplicação.

Dos 11 questionários respondidos, sete são de pessoas do sexo feminino e quatro do sexo masculino. A média de idade fica entre 25 e 35 anos. As pessoas que se relacionam com a Filosofia têm curso superior, três tem curso de pós-graduação e apenas uma tem o ensino médio/ fundamental. Dos 11, 10 têm contato com a Filosofia e a maioria deles por intermédio da escola e dos livros. Apenas três disseram ter contato com a Filosofia pela televisão. No entanto, um dentre os programas de Filosofia (*Ser ou Não Ser, Ética e Café Filosófico*) foi assistido por 10 dos 11 respondentes. Os 10 que assistiram consideraram os programas superficiais e com pouco aprofundamento dos temas, não chegando ao ponto vital das questões tratadas. Os respondentes também consideram que os programas auxiliam a construção de uma visão mais crítica e reflexiva sobre o mundo. Para os respondentes, a Filosofia está presente no mundo contemporâneo, mas o desafio é incorporá-la ao dia-a-dia.

Os questionários aplicados a pessoas que se relacionam com Filosofia contam com 12 perguntas, entre abertas e fechadas. A última pergunta é espaço para os comentários e sugestões que o respondente quisesse oferecer.

b) Questionários aplicados a estudantes de Filosofia

Dos seis questionários respondidos, quatro são estudantes de universidade pública e dois são de faculdade particular. A média de idade dos estudantes é de 23 anos. Todos os estudantes de universidade pública consideram as aulas de Filosofia boa

ou muito boa enquanto os estudantes de faculdade privada as consideram medianas. Sejam estudantes de universidade pública ou privada, todos responderam que não são usados recursos televisivos como filmes ou programas de Filosofia ou com a temática Filosofia em sala de aula. Os estudantes consideram que o uso do recurso é importante, pois traz dinamismo para dentro do espaço acadêmico. Os programas de Filosofia que estão disponíveis na TV não são assistidos pelos alunos de faculdade privada, sendo que todos os alunos de universidade pública já assistiram a algum dos programas (*Ser ou Não Ser*, *Ética e Café Filosófico*). Apenas dois dos seis estudantes consideram que os programas de Filosofia veiculados na TV ajudam o cidadão a ser mais reflexivo e mais crítico, pois ajuda a agendar o debate e também contribui para que as pessoas possam refletir sobre alguns princípios que não ignorados pela programação televisiva para a grande massa. Cinco dos estudantes consideram que a mediação de professores e de programas sobre Filosofia (ou com a temática Filosofia) permite conhecer melhor os desafios éticos do mundo contemporâneo. No entanto, afirmam que os programas tratam o tema de modo superficial.

Os questionários aplicados a estudantes de Filosofia contam com 11 perguntas entre abertas e fechadas. A última pergunta é espaço para comentários e sugestões que o respondente quisesse oferecer.

c) Questionários aplicados a professores de Filosofia

Os questionários foram aplicados entre a última semana de fevereiro e a primeira semana de abril de 2007. Todos os questionários foram enviados e respondidos por email. Nenhum dos professores contatados optou por ter o questionário respondido pessoalmente. Em média os professores levaram três semanas para devolver os questionários respondidos. Todos consideram a pesquisa interessante e motivadora e desejaram conhecer o resultado final. Dois professores de ensino fundamental foram contatados, mas não aceitaram responder ao questionário alegando que não estavam interessados. Ao todo foram quatro professores os que responderam ao questionário, que tem 31 perguntas entre fechadas e abertas. O questionário aplicado a pessoas que são professores de Filosofia seguiu, em linhas gerais, o modelo de questionário CAP (conhecimento, atitudes e práticas).

Os quatro professores que responderam ao questionário são graduados em Filosofia, sendo que três têm titulação de pós-graduação. Dois lecionam em escola de nível superior privada e dois lecionam em escola pública de nível médio, seja no Plano Piloto seja em cidade satélite de Brasília-DF. Os quatro professores lecionam Filosofia há mais de cinco anos.

Todos os professores conhecem e/ou já assistiram aos programas *Ética* do Canal Futura, *Ser ou Não Ser* do Fantástico/TV Globo, *Saia Justa* do GNT, *Café Filosófico* da TV Cultura. Eles conheceram os programas por acaso ou pela própria programação televisiva. Quanto ao programa *Ética* do Canal Futura, um professor afirma que às vezes assiste ao programa, dois professores disseram que nunca assistiram, e um não apontou a frequência de consumo. Quanto ao *Ser ou Não Ser* do Fantástico/TV Globo, um afirmou que sempre assiste ao programa, um que às vezes assiste e dois que poucas

vezes assistiram ao *Ser ou Não Ser*. Quanto ao *Saia Justa* do GNT, um professor afirma que sempre assiste, outro afirma que poucas vezes assistiu, um afirma que nunca assiste e um não apontou a frequência de consumo. Quanto ao *Café Filosófico* da TV Cultura, três disseram que sempre assistem ao programa e um disse que poucas vezes o fez. Sobre os programas, o *Café Filosófico* foi citado pelos professores com um programa de uma estrutura que facilita o debate e o pensar crítico.

Três professores assistem sozinhos aos programas de/sobre Filosofia que estão na televisão, sendo que um deles afirmou que também assiste aos programas, acompanhado de amigos e familiares. Apesar de assistirem sozinhos aos programas, os professores interagem consigo mesmos, com seus amigos e familiares, com seus pares (colegas de trabalho) e com o mundo do trabalho, tanto conversando quanto emitindo opiniões sobre o conteúdo da programação. Três dos professores declaram que após assistirem aos programas meditam sobre a relação do conteúdo do programa com a vida cotidiana. Em relação a seus pares, todos disseram que conversam informalmente na sala dos professores e dois deles disseram que as conversas se estendem pelos corredores das escolas. Quanto ao mundo do trabalho, três professores declararam incorporar o conteúdo da programação televisiva sobre Filosofia em sua prática profissional, de modo formal ou informal. Três disseram que fazem isso levando o conteúdo para dentro de sala de aula, discutindo com os alunos, e, dentre eles, um afirmou que também o faz publicando artigos e comentários em sites da internet.

Quando leva o conteúdo da programação televisiva sobre Filosofia para dentro da sala de aula, dois professores declararam que o fazem formalmente, utilizando o programa como recurso didático. Um professor justificou a prática dizendo que o recurso amplia os exemplos já dados assim como permite abordar o conteúdo de forma diferenciada. Outro professor considera que o formato televisivo colabora para despertar o interesse, propiciando que o aluno faça conexões entre as idéias, ajudando a promover o processo ensino-aprendizagem. Um professor declara que leva o conteúdo dos programas de modo informal, por intermédio de bate-papos e de roda de discussão.

Os professores com maior frequência de consumo de programas de televisão de/sobre Filosofia são aqueles que os incorporam na prática pedagógica de modo formal e são os que relatam que a experiência é positiva e que os alunos ficam mais entusiasmados, manifestando suas opiniões com mais conteúdo e com melhor argumentação. Esses professores comentam que os próprios alunos por iniciativa própria buscam outros programas para ilustrar trabalhos acadêmicos e que o debate em sala de aula flui, pois o próprio aluno traz o conteúdo do programa para dentro da sala de aula seja porque ficou com dúvidas seja porque quer novas explicações uma vez que o assunto chamou a atenção dele ou também porque reporta um fato ocorrido dentro da própria família. Um professor que incorpora a programação, de modo informal, diz que a aula precisa ser mais profunda que o programa de Filosofia que passa na televisão, para que o aluno não chegue à conclusão que vale mais assistir tevê do que participar da aula.

Quanto ao uso do recurso televisivo e da programação de/sobre Filosofia em sala de aula, há convergências e divergências entre os quatro professores que se dispuseram

a responder ao questionário. Dois professores são entusiastas do uso da programação em sala de aula e apontam os benefícios para o processo ensino-aprendizagem. Um mantém uma postura crítica, pois entende que a televisão foi criada para entreter e por isso é preciso que o objetivo pedagógico do uso da televisão esteja muito claro, pois, para esse professor, “a televisão hipnotiza mais que um bate-papo”. Outro manifesta certa resistência e só admite o uso do recurso da televisão e dos programas se contextualizado pelo professor.

E as convergências e divergências não param aí.

Três dos professores concordam em parte que Filosofia e Televisão sejam compatíveis, sendo que apenas um concorda plenamente. Em linha de coerência, os três professores consideram que os programas televisivos de/sobre Filosofia (isoladamente) não ajudam o aluno a ser mais reflexivo e mais crítico sobre o mundo ao redor dele, sendo que apenas um deles concorda.

Um professor justificou sua resposta sobre discordar da capacidade de os programas televisivos de/sobre Filosofia serem mediadores, dizendo: “A presença da Filosofia na TV não me parece ser útil para essa mediação. Pois o grande barato da Filosofia é deixar questões em aberto e os programas de tevê com estrutura filosófica têm apontado para respostas parciais... E isso quebra o maior objetivo da Filosofia que é provocar no ouvinte o pensar, o questionar, o criticar. Talvez o professor possa usar o recurso para fazer crítica ao próprio recurso e assim oferecer ao aluno alternativa ao processo... Mas isso é uma outra história”.

Outro justificou sua concordância, dizendo: “a presença de programas de/sobre Filosofia compensam a péssima qualidade da programação e a superficialidade dos programas de entretenimento, uma vez que a audiência está cada vez mais segmentada e demanda conhecimento estruturado, programação que faz pensar”.

Seguindo a linha, os quatro respondentes entendem que a mediação dos professores sobre os programas e o conteúdo filosófico é o que permite ao aluno conhecer melhor os desafios éticos do mundo contemporâneo. Para eles, é o professor que propicia a contextualização dos assuntos e por isso o aluno, diante dessa mediação e não do programa da televisão em si, pode responder com mais sensatez aos desafios do mundo. Um dos professores afirma: “a figura do professor ajuda na filtragem de informações e na organização do conhecimento, pois o aluno pode observar, comparar e aproximar as teorias do cotidiano dele”. A contextualização dos assuntos, segundo os professores, se dá por intermédio de filmes que mostram a realidade, de leitura de textos sobre assuntos, de discussões em grupo, de exemplos levados para dentro de sala de aula, de incentivo a leitura de jornais, livros, artigos e do uso da internet, entre outros.

Perguntados sobre se percebem mudança no comportamento dos alunos, após a mediação de assuntos filosóficos com o uso formal ou informal dos conteúdos dos programas televisivos de/sobre Filosofia em sala de aula, mediados por professores, três professores declaram que percebem mudanças na postura do aluno, afirmando que eles ficam mais compenetrados, usam melhores expressões e prestam mais atenção às aulas. Segundo esses professores, o nível de experiência vai depender do grau de maturidade do estudante. Entretanto, seja qual for o nível de maturidade, o aluno consegue ter uma

percepção mais aprofundada sobre a vida e sobre as questões humanas. Apenas um professor não respondeu à questão.

Aos professores, foi perguntada a opinião deles sobre por que as tevês estão interessadas na veiculação de programas de/sobre Filosofia. As respostas apontam para a lógica de mercado, de audiência, e não para a lógica do interesse público ou do acesso à informação. No entanto, os professores também apontam as contradições afirmando que ao levar a Filosofia em forma de programas televisivos à audiência, o próprio meio está contribuindo, em parte, ressaltaram três dos professores, para a formação de um cidadão mais crítico e mais comprometido consigo mesmo e com o mundo. Um professor discorda plenamente, afirmando que a televisão não promove o pensar crítico.

Para um professor, a Filosofia está na tevê porque os gestores talvez queiram passar a idéia de que estão a serviço da Educação. Para outro, é uma questão de conveniência social: intenção de mostrar que há uma preocupação por parte dos proprietários dos meios de comunicação com as questões humanas. Para outro, é uma questão de desmitificar a idéia do filósofo distante de nós, aéreo, de linguagem difícil. Para outro, porque é importante mostrar que o pensar crítico deve ser desenvolvido não só por intelectuais, mas por todos os cidadãos e por isso bons programas, discutindo o cotidiano, trazendo exemplos e usando uma linguagem acessível à população.

Perguntados sobre como se posicionam diante da crítica de que há uma banalização da Filosofia, pois todos podem ter acesso a ela, dois professores concordam que há certa banalização, um discorda (em parte) e um não respondeu. Os que concordam, justificam sua posição apontando a superficialidade dos programas. O que discorda, em parte, justifica dizendo que a Filosofia pertence ao ser humano, mas que é preciso observar os conteúdos filosóficos que estão sendo comunicados pelas emissoras de comunicação, por intermédio dos programas.

d) Questionários aplicados a pessoas comuns, que não tem relação direta com a Filosofia

Dos 18 questionários respondidos, quatro são pessoas com formação escolar de pós-graduação, oito são pessoas com curso superior completo e seis são pessoas com formação de nível médio/fundamental. Na faixa etária de 20 a 30 anos, são nove respondentes, na de 30 a 40 são sete e na de mais de 40 são dois. Os respondentes abarcam diversos ramos profissionais como advocacia, agronomia, serviço público, trabalhadores em banco dentre outros. Dos 18, 17 têm contato com a Filosofia e a maioria deles por intermédio da escola e dos livros, independente do nível escolar. Vale ressaltar que apenas os com nível de pós-graduação, assinalaram outras fontes de contato como jornais, revistas e a televisão. Não houve cruzamento das respostas com a variante de idade e/ou profissão. Foram cruzados os dados a partir da variante nível escolar.

Perguntados se já haviam assistido aos programas de/sobre Filosofia que são veiculadas na tevê, 12 afirmaram que não se lembram ou não assistiram. Dos seis que declararam que assistiram a pelo menos um deles (*Ser ou Não Ser*, *Ética* e *Café Filosófico*), todos consideram os programas interessantes, independente do nível

escolar. Dois deles afirmaram que os programas são chatos, pois excessivamente subjetivos, e também porque não mostram aplicação na prática (um de nível superior e outro de nível médio/fundamental). Nenhum dos respondentes fez qualquer comentário sobre considerar os programas superficiais.

Dos seis que responderam que haviam assistido a algum programa, três disseram que os programas ajudam às pessoas a serem mais reflexivas, pois os conteúdos falam das relações humanas e da aceitação do outro. Dois disseram que os programas não ajudam na construção de uma visão mais crítica e reflexiva sobre o mundo e não apontaram justificativa e um declarou que não sabia avaliar a questão para responder. Para os respondentes, a Filosofia está presente no mundo contemporâneo, pois os temas de Filosofia estão interligados com as profissões e com o dia-a-dia das pessoas e também porque os temas filosóficos ajudam a lidar com as situações da vida. Para eles, independente do nível de escolaridade, a Filosofia deveria ser mais divulgada e mais estudada em escolas de todo o país, em escolas de todo tipo, inclusive oficinas e cursos livres, pois (i) ajuda a entender a si mesmo e ao mundo, (ii) ajuda a pensar criticamente a realidade e o mundo em que se vive, e (iii) ajuda a utilizar o raciocínio de maneira mais clara e objetiva.

Os questionários aplicados a pessoas comuns que não têm relação direta com a Filosofia contam com 14 perguntas entre abertas e fechadas. A última pergunta é espaço para comentários e sugestões que o respondente quisesse oferecer.

5. Considerações Finais

Os programas televisivos de/sobre Filosofia são bons, ajudam a divulgar a Filosofia, porém não chegam ao ponto vital, tratando os assuntos de modo ainda superficial. Mesmo recebendo tratamento superficial, os programas auxiliam na construção de visão mais crítica e reflexiva sobre o mundo e também a enfrentar os desafios éticos do mundo contemporâneo, funcionando como um despertar para o assunto, um agendamento.

Vale ressaltar que a tevê, por sua especificidade enquanto veículo de comunicação, tem dificuldade em aprofundar assuntos. Também vale ressaltar o valor dos professores e da instituição escola como mediadores para o contato com a Filosofia, como apontado pelos respondentes da pesquisa, que, também, disseram que o desafio é incorporá-la ao dia-a-dia.

Enquanto estudantes de Filosofia e pessoas que se relacionam com a Filosofia entendem que os programas de televisão de/sobre Filosofia, apesar de superficiais, podem funcionar com um interruptor para despertar uma postura mais ética diante do mundo, apenas um professor entrevistado entende dessa forma, enquanto que os demais afirmam que os programas (isoladamente) não têm essa força mediadora. A força mediadora para a construção de um pensar mais crítico e para promover uma formação mais cidadã está nos professores, cuja importância é ressaltada também pelo grupo de estudantes e de pessoas que se relacionam com a Filosofia.

Ou seja, os professores e o ambiente de sala de aula são os propulsores para a formação de visão crítica e de uma postura ética. No entanto, é importante ressaltar que

a pesquisa aponta que a qualidade da mediação cresce na medida em que, também, os professores estejam em contato e consumam produtos mediáticos de/sobre Filosofia que são veiculados em tevês abertas e/ou fechadas, uma vez que os alunos são consumidores de programas televisivos de/sobre Filosofia.

Os professores com alta frequência de consumo são os que mais refletem sobre os programas, conversam e emitem suas opiniões sobre eles, seja entre o grupo familiar, seja entre seus pares no ambiente de trabalho seja dentro de sala de aula, incorporando formalmente a programação televisiva sobre Filosofia em seus planos didático-pedagógicos. Esses professores declaram perceber mudanças no comportamento de alunos depois de aulas de Filosofia, nas quais os assuntos foram contextualizados pelo professor e integrados à experiência de vida dos estudantes. Segundo eles, os alunos se tornam mais compenetrados, usam melhores expressões e prestam mais atenção às aulas. A dinâmica de consumo de programas televisivos de/sobre Filosofia entre alunos e professores permite ao professor exercer a função de contextualização e, assim, realmente, dialogar com os alunos, o que leva a uma formação mais crítica sobre o mundo em ambos os sujeitos.

Os respondentes que são estudantes de Filosofia reclamam da falta de uso de recursos em sala de aula, como filmes e programas de/sobre Filosofia para incorporar mais dinamismo ao espaço acadêmico. A reclamação é procedente, pois os professores que utilizam esses recursos afirmam que eles imprimem uma dinâmica mais viva e mais efervescente dentro de sala de aula. No entanto, a pesquisa apontou que o uso de programas de televisão em sala de aula não é assunto pacífico entre os professores: há os adeptos e há os resistentes.

A pesquisa ressalta, na verdade, a força da comunicação interpessoal na construção de visão de mundo, na modificação de hábitos e atitudes e na formação do sujeito (indivíduo-cidadão) e reafirma que a televisão tem o poder de agendar temas e trazer os assuntos para a agenda pública, mas que não é ela, como meio de comunicação de massa, ou o conteúdo de sua programação, que impactam diretamente no indivíduo. E, sim, a força de mediadores, como professores, que, em ambientes de sala de aula, ajudam a formar e a moldar o ser humano.

6. Conclusão

A pesquisa exploratória *Filosofia na TV: indutora na formação crítica cidadã*, realizada no período 2007/2007 como Programa de Iniciação Científica – PIC – UniCEUB, ressalta, na verdade, a força da comunicação interpessoal na construção da visão de mundo, na modificação de hábitos e atitudes e na formação do sujeito (indivíduo-cidadão). Reafirma também que a televisão tem o poder de agendar temas e trazer os assuntos para a agenda pública, mas que não é ela, como meio de comunicação de massa ou o conteúdo de sua programação, que causam impacto direto no indivíduo. É a força de mediadores, como professores, que, em sala de aula, ajudam a formar e a moldar o ser humano.

A convergência - Filosofia e Televisão – é ainda pouco explorada no âmbito dos estudos acadêmicos. O sentido exploratório e inusitado engrandece a pesquisa realizada

e contribui para o avanço dos estudos sobre mediação e efeitos a longo prazo dentro do campo de estudo da Comunicação Social.

Diante dos dados coletados com quatro populações distintas (professores de nível superior e de nível médio; alunos de Filosofia; pessoas que têm interesse no assunto, mas não são graduados em Filosofia; e pessoas que não têm nenhum contato com a área) e diante dos resultados alcançados, é possível afirmar que a pesquisa aponta evidências de que a presença de programas de Filosofia na televisão, aliada à recente obrigatoriedade do ensino de Filosofia e Sociologia nas escolas de Ensino Médio e respaldada pela mediação de professores dentro de sala de aula contribui para a formação mais crítica do indivíduo-cidadão e, filosoficamente, mais comprometido consigo mesmo e com o mundo em que está inserido.

7. Referências bibliográficas

DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (Org.). *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

RABUSKE, Edvino A. *Antropologia Filosófica*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 8ª ed., 1986.

TRASFERETTI, José Antonio (org.). *Filosofia, Ética e Mídia*. São Paulo: Editora Alínea, 2001.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa. Editorial Presença. 1987.

7.1 Artigos

ACCIOLY, Denise Cortez da Silva. *As relações entre a escola, a família e a televisão: contribuições para a formação do telespectador*. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006, promovido pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação).

SILVA, Pollake Carla. *Estudos de Audiência e Recepção, mais que números do IBOPE – aspectos históricos*. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006, durante o Seminário de Temas Livres de Comunicação, promovido pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação).

7.2 Sites

<http://www.futura.org.br/main.asp>

<http://globosat.globo.com/gnt/programas/oprograma.asp?gid=51>

<http://www.marciatiburi.com.br>

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,4686,00.html>

<http://www2.camara.gov.br/tv>